



O brilho das professoras da UnB

Licia Mota, homenageada na categoria Saúde, destacou a vanguarda da pesquisa na UnB. Dione Moura, na categoria Educação, ressaltou a dupla responsabilidade como comunicadora e educadora: reconhecimento pelo compromisso público

» CARLOS SILVA

Dois mulheres, professoras da Universidade de Brasília (UnB), se destacaram na primeira edição do Prêmio JK — **Correio Braziliense** ao receberem homenagens por suas contribuições à saúde, à educação e à própria história da capital. A médica reumatologista Licia Mota e a diretora da Faculdade de Comunicação, Dione Moura, subiram ao palco em uma noite marcada por reconhecimento, memória e compromisso público — cada uma representando trajetórias que dialogam profundamente com Brasília e com o legado de formação e inovação da instituição federal de educação.

Ao receber a homenagem, Licia ressaltou que o prêmio simboliza um reconhecimento coletivo, para além de sua trajetória individual. “É uma honra muito grande. Acho que represento aqui não apenas a mim mesma, mas muitos outros médicos da minha geração, que nasceram em Brasília e constroem Brasília”, afirmou.

A médica relembrou as raízes familiares e o vínculo histórico com a capital. “Sou neta de uma candanga que chegou aqui em 1957, no canteiro de obras de Brasília. Ela era professora, mas trabalhava com o que fosse necessário, inclusive, no Hos-

pital Regional de Taguatinga”, contou. “Estar aqui hoje também é representar o legado dela”, contou. A premiação leva o nome de Juscelino Kubitschek, médico e presidente responsável pela construção de Brasília, o que adicionou simbolismo à homenagem. “Juscelino Kubitschek era um grande visionário, alguém que sonhou muito grande e construiu”, afirmou Licia.

A pesquisadora lembrou que pioneiros, como a avó dela, vieram movidos por esse ideal: “Eles acreditaram piamente na promessa de JK de uma alvorada melhor, de participar de algo grandioso.” Ela citou uma das frases mais célebres do ex-presidente ao imaginar o futuro da capital: “Ele dizia que deste planalto, dessa solidão, surgiria o centro das grandes decisões nacionais. Ele enxergava sem sombra de dúvida o grande destino desse lugar.”

Protagonismo da UnB

A médica aproveitou a ocasião para refletir sobre o avanço acelerado da reumatologia, área de atuação dela. Segundo ela, a transformação científica das últimas décadas foi extraordinária. “A reumatologia progrediu muito rapidamente. Passamos de poucas opções terapêuticas há 40, 50 anos para uma infinidade de possibilidades hoje — inclusive com pers-

pectivas de cura e prevenção em alguns cenários”, afirmou.

Para ela, Brasília vive hoje um momento favorável para a ciência. “Temos um núcleo importante de produção científica. O Hospital Universitário conta com uma sala de apoio ao pesquisador, criada na pandemia e que continua funcionando”, lembrou. “A estrutura foi citada pela rede da Universidade de Oxford como modelo de incentivo à pesquisa. Temos desafios, claro, mas também um cenário bastante favorável e crescente representatividade.”

Ao fim, Licia Mota fez uma reflexão sobre sua trajetória e deixou uma mensagem aos estudantes da área da saúde. Em tom emocionado, lembrou de quem a acompanhou ao longo da carreira. “Tenho muito a agradecer à minha família, à minha avó — pioneira, que me inspirou — ao meu marido, meus filhos, meus professores, meus alunos e meus pacientes”, disse. Ela se emocionou ao mencionar a avó, já falecida: “Tenho certeza de que hoje ela estaria muito feliz”, disse. A médica também falou diretamente aos jovens que iniciam a formação em medicina: “Ainda ontem, eu estava ali, fazendo vestibular para a UnB. Hoje olho para trás e vejo o quanto já foi percorrido — e o quanto ainda temos para percorrer.”

Educação no centro

Além de Licia, a UnB teve outra representante de grande destaque na premiação. A diretora da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (UnB), jornalista e professora Dione Moura, também foi uma das homenageadas. Ao receber a condecoração, a pesquisadora afirmou que o reconhecimento funciona como reforço do compromisso com a educação, a inclusão e a própria história de Brasília.

A professora relatou que, ao chegar ao evento e ouvir os nomes de tantas figuras centrais da trajetória da capital, compreendeu o peso simbólico do momento. “No primeiro instante, a gente pensa que o prêmio é um resultado do passado. Mas, quando vejo tantas personalidades da história de Brasília, eu entendo que não se trata só de um reconhecimento do que se passou. É uma responsabilidade”, afirmou.

Para Dione, a mensagem por trás da escolha das homenageadas é clara. Ela define a honraria como “uma condecoração”, comparável a um capital simbólico que carrega uma dupla função: “Tem o lado do ‘olha só o que você fez’ e tem o lado do ‘olha só o que você pode fazer, o que a cidade espera de você como educadora”.

Papel coletivo

Ao falar sobre sua trajetória, Dione fez questão de ressaltar que a docência é construída de forma conjunta, tanto dentro quanto fora da sala de aula. “Professor nunca é professor sozinho”, resumiu.

A diretora também dedicou o prêmio aos familiares. “Dedico este prêmio à minha família — Oliveira, Moraes, Cavalcante Oliveira. É por vocês que estou aqui”, afirmou, lembrando que a base de sua formação está em casa. “Como família educadora, atribuo a eles essa construção que me trouxe até aqui”, disse. Dione mencionou ainda todos os professores que a acompanharam desde a infância: “Sou grata a quem me formou desde os cinco anos até a pós-graduação”.

Ela destacou o caráter colaborativo de sua atuação com veículos de imprensa, especialmente com o próprio **Correio Braziliense**. Como pesquisadora da área, Dione destacou o papel crucial da comunicação produzida em Brasília, frequentemente subestimado diante da centralidade dos grandes veículos do Sudeste. “Há a ideia de que a comunicação que pauta o Brasil é a dos veículos do Sudeste. Mas isso não é fato”, afirmou. “O coração da comunicação pulsa aqui. Se olharmos as grandes pautas nacionais,

muitas delas são pensadas no coração de Brasília.”

Ocupando espaços

Durante a entrevista, Dione abordou também o significado de uma mulher negra ser homenageada na primeira edição do Prêmio JK — especialmente considerando a histórica exclusão de pessoas negras de espaços de reconhecimento e poder. “Entendo que é uma sinalização de que estamos construindo a história do DF”, afirmou.

Ela lembrou que essa construção começou com mulheres que vieram a Brasília desde sua fundação. “As mulheres que vieram, algumas sozinhas, vieram para construir. E continuamos aqui nessa construção”, afirmou. Para ela, estar no palco do prêmio é representar muitas outras docentes e profissionais invisibilizadas.

A professora encerrou dizendo que a honraria indica que Brasília está à frente em termos de reconhecimento da diversidade. “Esse prêmio está sinalizando: ‘Olha, mulheres negras, vocês fazem a diferença na escola’. Brasília sai na frente, porque não é todo lugar em que uma mulher negra — e não é a Dione, é uma mulher negra educadora — entra numa premiação como essa”, concluiu.

Premiadas

Fotos: Minervino Junior



Dione Moura, educação para vencer o racismo

Professora titular da Universidade de Brasília (UnB) e diretora da Faculdade de Comunicação, Dione Moura é de família negra de origem nordestina e cresceu em uma casa de barro e palha na periferia da capital goiana. Aprendeu desde cedo que a educação seria o único caminho possível para romper os limites impostos pelo racismo estrutural.

Os pais, um piauiense e uma baiana, valorizavam profundamente a cultura e o estudo. De seis irmãos, todos se formaram e conquistaram carreiras consolidadas.

Dione ingressou no jornalismo pela Universidade Federal de Goiás (UFG), mas foi em Brasília que consolidou sua trajetória acadêmica. Na UnB, especializou-se em jornalismo político, sob orientação de Carlos Chagas, e iniciou a carreira como pesquisadora voltada para temas sociais.

No mestrado, produziu a primeira dissertação brasileira sobre cinema feito por cineastas

“No primeiro instante, a gente pensa que o prêmio é um resultado do passado. Mas eu entendo que não se trata só de um reconhecimento do que se passou. É uma responsabilidade”

negros, um estudo que mais tarde serviu de base para debates sobre identidade, memória e representatividade no campo da comunicação.

Ao longo da carreira, manteve uma produção acadêmica marcada pela diversidade de temas, como jornalismo científico, ambiental, identidade racial

e gênero, mas com uma pergunta central — “Para que serve a comunicação e qual o impacto concreto que ela tem sobre a sociedade?”. Além disso, seu lema sempre foi “Jornalismo muda vidas”.

Em 1995, foi aprovada no concurso para docente da UnB. Desde então, participou da formação de uma geração de jornalistas, coordenou projetos como a *Revista Campus Repórter* e atuou em mais de 200 bancas de graduação e pós-graduação. Durante a pandemia, voltou às origens da profissão, orientando equipes e pesquisadores na cobertura da covid-19.

Em 2003, assumiu a reitoria da proposta que instituiu o sistema de cotas raciais na UnB. Com isso, a universidade se tornou a primeira instituição federal de ensino superior a adotar ações afirmativas para negros e indígenas, medida que se transformou em referência para a Lei de Cotas nacional, de 2012.

» Giovanna Sfalsin



Licia Mota, uma vida dedicada aos pacientes

Diretora científica da Sociedade Brasileira de Reumatologia (SBR), médica formada pela Universidade de Brasília (UnB) e professora do instituto, Licia Maria Henrique da Mota construiu sua trajetória mergulhada na dedicação aos pacientes.

A reumatologia, área à qual dedica a carreira, envolve doenças como artrite reumatoide, lúpus, vasculites, miopatias e esclerose sistêmica, condições que, muitas vezes, exigem acompanhamento clínico frequente e contínuo.

Hoje, após mais de 20 anos de carreira, ela se divide entre o Hospital Universitário de Brasília (HUB), onde atua como reumatologista, coordena o ambulatório da especialidade e lidera a “Coorte Brasília de Artrite Reumatoide”, estudo que observa pacientes; e as salas de pós-graduação da UnB, nos programas de Ciências Médicas e Patologia Molecular. Lá, ensina as novas gerações de médicos a enxergar doenças autoimunes.

Pesquisadora incansável, Licia

“É uma honra muito grande. Acho que represento aqui não apenas a mim mesma, mas muitos outros médicos da minha geração, que nasceram e constroem Brasília”

acumula cerca de 200 publicações científicas e coleciona prêmios importantes, como os de Edgard Ara Award (2012 e 2013) e o prêmio da SBR (2012).

Seu trabalho também ganhou reconhecimento dentro e fora do país, tendo integrado a Sociedade Reumatologia de Brasília, na qual atuou como presidente, e o Pan

American League of Associations for Rheumatology (PANLAR). Em 2016, presidiu o Congresso Brasileiro de Reumatologia.

Licia ressaltou que a UnB ocupa posição de destaque na pesquisa: “A pesquisa na reumatologia e na Universidade de Brasília é vanguarda. Em várias áreas, como o uso de vacinas vivas em imunossuprimidos, a UnB tem premiações internacionais e grande reconhecimento.”

Além da atuação clínica, Licia concluiu residência em Clínica Médica e em Reumatologia pela Universidade de Brasília, antes de ingressar no doutorado em Ciências Médicas pela Faculdade de Medicina da UnB, onde hoje orienta pesquisas de mestrado e doutorado. Parte de sua pesquisa envolve fatores preditores de infecções graves em pacientes com artrite reumatoide, iniciativa que integra bancos de dados clínicos e observacionais, ampliando a compreensão de riscos e estratégias terapêuticas.

» Giovanna Sfalsin